

O binge drinking por universitários: perfil do estudante e fatores de risco e proteção
Binge drinking by university students: student profile and risk and protection factors
Binge drinking por parte de los estudiantes universitarios: perfil de los estudiantes y factores de riesgo y protección

Recebido: 06/10/2020

Aprovado: 06/03/2021

Publicado: 14/10/2021

Elce Cristina Côrtes Rebouças¹

Thaís Nunes Pereira²

Daiana Kelly Moraes Lisbôa³

Roger Luiz da Silva Almeida Filho⁴

Este é um estudo quantitativo realizado entre 2017 e 2018 em uma universidade pública estadual da Bahia, com o objetivo de avaliar a prática de *binge drinking* em universitários. Utilizou-se questionário autoaplicável e análise descritiva e inferencial. Participaram 150 universitários, sendo 52% mulheres e 48% homens que afirmaram ingerir bebidas alcoólicas, com média de idade de 23,2 anos ($dp\pm 3,6$). Houve associação entre beber para amenizar a ansiedade e a prática do *binge drinking* ($p=0,01$); no uso moderado do álcool relatou-se não sentir nada ou sentir sonolência após o consumo da bebida, enquanto os que faziam uso nocivo, a sensação era de alegria ($p<0,0001$). No padrão de consumo típico do *binge drinking*, 41% eram mulheres e 59% eram homens. As diferenças estatisticamente significantes foram: quanto ao sexo masculino – ter sofrido ou causado prejuízos a terceiros ($p=0,04$); quanto ao sexo feminino – possuir benefício social ($p=0,0001$) e esconder dos pais que faziam uso excessivo do álcool ($p=0,01$). Os fatores de risco observados: sexo, início precoce do uso do álcool, ingresso na universidade e influência dos pares. Já os fatores de proteção: estar casado e ter religião. A universidade precisa entender seu papel nesse cenário incluindo atividades culturais e ofertando acesso a conhecimento sobre riscos e a redução do consumo de álcool nos universitários.

Descritores: Consumo excessivo de bebidas alcoólicas; Estudantes; Desempenho acadêmico; Universidades.

This is a quantitative study carried out between 2017 and 2018 at a state public university in the state of Bahia. It aimed to evaluate the practice of binge drinking among university students. A self-administered questionnaire and descriptive and inferential analysis were used. 150 university students participated, 52% of the women and 48% of the men who reported drinking alcoholic beverages, with a mean age of 23.2 years ($sd\pm 3.6$). There was an association between drinking to alleviate anxiety and the practice of binge drinking ($p=0.01$); for moderate use of alcohol, it was reported not feeling anything or feeling drowsy after drinking, while for those who made use of it heavily, the feeling was of joy ($p<0.0001$). In the typical consumption pattern of binge drinking, 41% were women and 59% were men. The statistically significant differences were: regarding males – having suffered or caused damage to others ($p=0.04$); as for the female gender – having social benefits ($p=0.0001$) and hiding from parents that they abused alcohol ($p=0.01$). The observed risk factors: gender, early onset of alcohol use, university admission and peer influence. The protective factors: being married and being religious. The university needs to understand its role in this scenario, including cultural activities and offering access to knowledge about risks and the reduction of alcohol consumption among university students.

Descriptors: Binge drinking; Students; Academic performance; Universities.

Este es un estudio cuantitativo realizado entre 2017 y 2018 en una universidad pública estatal de Bahia, con el objetivo de evaluar la práctica del *binge drinking* por estudiantes universitarios. Se utilizó un cuestionario autoadministrado y un análisis descriptivo e inferencial. Los participantes fueron 150 estudiantes universitarios, 52% mujeres y 48% hombres que declararon consumir bebidas alcohólicas, con una edad media de 23,2 años ($sd\pm 3,6$). Hubo una asociación entre beber para aliviar la ansiedad y la práctica del *binge drinking* ($p=0,01$); en el consumo moderado de alcohol informaron no sentir nada o sentirse somnolientos después de beber, mientras que los que hicieron un consumo perjudicial, se sintieron felices ($p<0,0001$). En el patrón de consumo típico del *binge drinking* el 41% eran mujeres y el 59% eran hombres. Las diferencias estadísticamente significativas fueron: para el sexo masculino - haber sufrido o causado daño a otros ($p=0,04$); para el sexo femenino - tener beneficios sociales ($p=0,0001$) y ocultar a los padres el consumo excesivo de alcohol ($p=0,01$). Los factores de riesgo observados fueron: el sexo, el inicio temprano del consumo de alcohol, el ingreso en la universidad y la influencia de los compañeros. Los factores de protección fueron: estar casado y tener religión. La universidad tiene que entender su papel en este escenario incluyendo actividades culturales y facilitando el acceso a los conocimientos sobre los riesgos y la reducción del consumo de alcohol entre los estudiantes universitarios.

Descritores: Consumo excesivo de bebidas alcohólicas; Estudiantes; Rendimiento académico; Universidades.

1. Bióloga. Especialista em Morfologia. Mestre e Doutora em Neurociências. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil. ORCID: 0000-0002-4463-1715 E-mail: elce@uesb.edu.br

2. Graduanda em Ciências Biológicas pela UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil. ORCID: 0000-0003-3536-6005 E-mail: thaisnunes15025@gmail.com

3. Bióloga. Mestranda em Ensino pela UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil. ORCID: 0000-0003-3854-2107 E-mail: dkmlisboa@gmail.com

4. Engenheiro Florestal. Mestre em Genética, Biodiversidade e Conservação. Doutorando em Agronomia pela UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil. ORCID: 0000-0003-0400-006X E-mail: rogerluizfilho@gmail.com

INTRODUÇÃO

O consumo de álcool (etanol) é largamente difundido entre universitários¹⁻³. O ingresso na universidade que, geralmente, ocorre quando o indivíduo emerge na vida adulta, está associado a uma alta taxa de ingestão de bebidas alcoólicas. Estudos apontam que a utilização de álcool por universitários apresenta taxas que variam de 64% a 90%⁴⁻⁶. Essa situação despertou, ao longo do tempo, muita preocupação por parte de pais, educadores e pesquisadores, uma vez que o uso do álcool está relacionado a uma série de transtornos, não só para quem utiliza essa substância psicoativa, mas também para as pessoas a sua volta. Esses problemas impactam em múltiplos aspectos da vida dos jovens, o que inclui consequências físicas, sociais, legais e econômicas⁷.

O uso de álcool por mulheres aumentou no decorrer do tempo em consequência de várias mudanças socioculturais. O consumo aumenta, sobretudo, em mulheres mais jovens que alcançaram o ensino superior. Apesar disto, alguns trabalhos indicam que não há diferenças estatisticamente significativas no número de universitários de ambos os sexos no uso de bebidas alcoólicas^{5,6,8}. Por sua vez, há evidências de maior suscetibilidade do sexo feminino aos transtornos causados por uso de bebida alcoólica^{9,10}, inclusive socioculturais¹¹.

Não há quantidade segura para a ingestão de álcool, mesmo quando consumido em doses consideradas baixas, pode ocorrer neurointoxicação e alterações na percepção¹². Entretanto, o consumo excessivo traz preocupações adicionais, isso porque a maior parte dos problemas associados ao uso de bebidas alcoólicas está relacionado a sua utilização nociva, ou seja, o uso excessivo.

No caso de universitários, a utilização desse tipo de bebida e a sua ingestão excessiva é muito frequente^{13,14}, com evidências de comprometimentos cognitivos¹³, aspecto que suscita atenção extra quando se trata de indivíduos que estão em formação profissional. As alterações cognitivas podem decorrer de danos encefálicos.

Alterações no cérebro em caso de exposição precoce e excessiva ao etanol podem ocorrer e, sobretudo, nos jovens, na qual essa estrutura ainda está em formação¹⁵, a considerar que alguns desses danos podem ser irreversíveis^{16,17}.

Há uma prática muito difundida entre os jovens, conhecida pelo termo em inglês *binge drinking* (bebedeira), que se refere ao uso excessivo e episódico do álcool, com alternância entre períodos de grande consumo e abstinência, comum entre estudantes. Um estudo relata uma prevalência de 57% dessa prática entre os universitários⁷.

Os critérios para determinar e classificar o *binge drinking* não são consenso na comunidade científica¹³. Outros termos utilizados para classificá-lo são beber pesado, beber pesado episódico e beber arriscado em uma única ocasião (do inglês, respectivamente, *heavy drinking*, *heavy episodic drinking* e *risky single-occasion drinking*). O critério mais utilizado para determiná-lo é baseado no número de doses ingeridas em uma ocasião, conhecida como 5+/4+ (5 + doses para homens e 4+ doses para mulheres)^{13,18}.

Um outro parâmetro recorrente é a concentração de álcool no sangue de ao menos 0,8%. Essa concentração varia com o número de doses, padrão da dose, o peso e a duração do consumo, geralmente, corresponde à ingestão de 5+ doses para homens e 4+ doses para mulheres na maioria dos indivíduos⁷.

O *binge drinking* está associado a vários comportamentos de risco, como dirigir alcoolizado, sexo sem proteção, absentismo, vandalismo, problemas legais e acidentes^{6,7,19}. As consequências negativas dessa prática não são exclusivamente agudas. Há uma série de prejuízos relatados ao seu efeito crônico, como: doenças do fígado, depressão, ansiedade, problemas de relacionamento, e outros^{7,13,19}. Além disso, o consumo nocivo de álcool é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o terceiro fator de risco para mortes prematuras²⁰.

Os fatores que parecem responder pelo aumento desse comportamento entre universitários são procura por sexo, possibilidade de viver novas experiências, maior

autonomia, influência de colegas e as características individuais^{7,19}. Essa prática é observada nos dois sexos, contudo está associada estatisticamente ao sexo masculino. Mas há tendência de aumento desse hábito pelas mulheres²¹.

A prática do *binge drinking* por universitários ainda carece de estudos que apontem o papel que o ingresso nessas instituições desempenham nesse comportamento cada vez mais frequente. Faltam trabalhos que busquem estabelecer o perfil do estudante que realiza essa prática e implicações no desempenho acadêmico. Assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar a prática de *binge drinking* em universitários

MÉTODO

Este é um estudo de corte transversal primário, com abordagem quantitativa e um perfil epidemiológico analítico, realizado com estudantes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, *campus* de Vitória da Conquista, entre os anos de 2017 a 2018. A UESB é uma instituição pública estadual de ensino superior situada no sudoeste da Bahia. O *campus* de Vitória da Conquista oferece 22 cursos de graduação nas diversas áreas de conhecimento.

Nesta pesquisa foram incluídos somente alunos maiores de idade matriculados nos últimos anos (entre o 3º e o 6º ano) dos cursos de graduação.

O critério para considerar o *binge drinking* neste estudo foi o 5+/4+, ou seja o consumo de 4 ou mais doses por mulheres e 5 ou mais doses por homens em uma única ocasião e ao menos uma vez por mês^{13,18}.

A amostra mínima de alunos matriculados nos últimos anos dos diversos cursos de graduação foi determinada por probabilidade aleatória²².

Os questionários foram construídos e organizados pelos pesquisadores em três partes: (1) Informações sociodemográficas: sexo, idade, renda, e outras; (2) Aspectos multifatoriais do consumo de bebidas alcoólicas: idade da primeira ingestão, pessoas com as quais o universitário bebia, motivações, dentre outras; e, (3) Comportamentos de risco, prejuízos sofridos ou causados a terceiros. Os participantes levaram, em média, 10 minutos para responderem a todas as questões propostas no instrumento de pesquisa.

O desempenho acadêmico é considerado neste estudo como a execução e os resultados obtidos pelo estudante nas diversas atividades necessárias para a realização do curso de graduação, tais como exames e a efetuação de atividades solicitadas pelos professores. As informações sobre o desempenho acadêmico dos alunos foram obtidas a partir de questões voltadas a esse propósito disponíveis na parte três dos questionários.

Neste trabalho será utilizado o termo sexo ao invés de gênero^{23,24}, uma vez que o dimorfismo sexual em resposta ao uso de etanol é uma consequência das diferenças anatomo-fisiológicas entre os dois sexos^{25,26}.

Para a análise dos dados, inicialmente, foi efetuada a estatística descritiva para o estabelecimento de médias, desvio-padrão, frequências absolutas e relativas. O Teste Qui-quadrado foi usado para examinar o consumo de álcool pelos universitários, os fatores associados a essa prática e para verificar possíveis diferenças entre os sexos nos diversos parâmetros estudados. O teste-t foi utilizado para comparar a idade e o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes dos sexos masculino e feminino. O nível estatístico de confiança foi de $p < 0,05$ e, a partir dos resultados obtidos, foi realizada a análise inferencial. Todas as análises foram realizadas utilizando o Microsoft® Excel®.

No momento da aplicação da pesquisa, foram explicitados objetivos, procedimentos e questões éticas das quais os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Todos os alunos participantes foram informados da relevância da sua colaboração para a pesquisa e da garantia do anonimato das informações fornecidas. O Comitê de Ética em Pesquisa da UESB aprovou este estudo sob número do parecer: 1.875.430.

RESULTADOS

De uma população de 1635, foi considerada como amostra 176 indivíduos. Por sua vez, foram pesquisados 209 universitários, dos quais 10 foram excluídos por não estarem adequadamente preenchidos. Dentre os 199 universitários, 150 (78 mulheres e 72 homens) afirmaram ingerir bebidas alcoólicas, com média de idade de 23,2 anos ($dp \pm 3,6$) (Tabela 1).

Uso de álcool - uso moderado x *binge drinking*

Os dados mostraram que entre os estudantes que relataram usar álcool no momento da pesquisa, 52% era constituída por mulheres e 48% por homens. Foi verificado que 60% faziam uso compatível com o *binge drinking*. Entre os usuários de álcool, a maioria (64%) residia em outros municípios; 69% não trabalhavam, tendo o estudo como única ocupação e 85% não recebiam benefício social. Os dados sociodemográficos dos indivíduos que relataram ingerir álcool são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1. Informações sociodemográficas dos universitários que relataram consumir álcool. UESB-Vitória da Conquista/BA, 2017-2018.

Variáveis	Moderado (60)	Binge (90)	Total (150)	p
Idade (anos)	23,2 \pm 3,6 [§]	23,6 \pm 3,7 [§]	23,2 \pm 3,6 [§]	0,484 [¶]
Sexo				0,001 ^λ
Feminino	41	37	78	
Masculino	19	53	72	
Estado civil				0,03 ^λ
Casado/União de fato	5	0	5	
Solteiro	55	90	145	
Morar com familiar				0,122 ^λ
Sim	39	48	87	
Não	20	42	62	
Renda				0,005 ^λ
Até 3 salários mínimos	50	56	106	
5 ou mais salários mínimos	10	34	44	
Por quem é mantido				0,246 ^λ
Pais	33	64	97	
Recursos próprios	17	21	38	
Não respondeu	10	5	15	
Ter religião				0,02 ^λ
Sim	34	34	68	
Não	25	56	81	
Não respondeu	1	0	1	

§ média \pm DP; ¶Teste t; λTeste Qui-Quadrado.

Os estudantes eram conscientes das consequências do uso do álcool. Com efeito, 95% disseram saber que o álcool poderia causar dependência, 90% que poderia induzir a alteração do comportamento, 95% afirmaram saber que era perigoso dirigir após o consumo de álcool e 43% acreditavam que poderia comprometer os estudos. Também, demonstravam estar bem com as escolhas pessoais, 70% afirmaram ter escolhido os respectivos cursos de graduação por realização pessoal e, 75% relataram estarem satisfeitos com o curso escolhido.

Observou-se que 91% afirmaram ter familiar que consumia bebidas alcoólicas e 69% acreditava não ter sofrido influência para o consumo do álcool. O prazer foi apontado por 77% como a motivação para o uso do álcool. As análises estatísticas mostraram associação entre beber para amenizar a ansiedade e a prática do *binge drinking* ($p=0,01$). Os estudantes que

faziam uso moderado do álcool relataram não sentir nada ou sentir sonolência após o consumo da bebida, enquanto os que faziam uso nocivo relataram sensação de alegria ($p < 0,0001$).

A maioria (85%) dos entrevistados relatou que a universidade deveria oferecer mais atividades culturais e de lazer para minimizar o uso do álcool pelos estudantes, 57% afirmaram que a vida social intensificou após o ingresso na universidade. A tabela 2 apresenta os aspectos multifatoriais do uso do álcool.

Tabela 2. Aspectos multifatoriais do uso do álcool por universitários. UESB-Vitória da Conquista/BA, 2017-2018.

Variáveis	Moderado (60)	Binge (90)	Total (150)	p
Consumia álcool antes do ingresso				0,003 ^λ
Sim	44	82	126	
Não	16	8	24	
Aumentou o consumo após ingresso				0,001 ^λ
Sim	17	49	66	
Não	43	39	82	
Não respondeu	0	2	2	
Idade do primeiro gole				0,008 ^λ
16 -	22	53	75	
16 +	37	36	73	
Não respondeu	1	1	2	
Familiar que ingere álcool				0,097 ^λ
Sim	52	85	137	
Não	8	5	13	
Tipos de bebidas				0,239 ^λ
Cerveja	14	19	33	
Vinho	7	3	10	
Várias	34	62	96	
Outras	0	2	2	
Com quem costuma beber				<0,0001 ^λ
Colegas da universidade	33	78	111	
Amigos/familiares/só	27	12	39	
A universidade favorece o consumo				0,091 ^λ
Sim	20	42	62	
Não	40	47	87	

^λTeste Qui-Quadrado

As consequências negativas associadas ao uso excessivo de álcool foram: adotar comportamentos de risco, ter sofrido ou causado prejuízos a terceiros, deixar de cumprir atividades da graduação em consequência do uso do álcool, ter sofrido prejuízos na realização de exames e trabalhos acadêmicos (Tabela 3).

Tabela 3. Consequências do uso do álcool. UESB-Vitória da Conquista/BA, 2017-2018.

Variáveis	Moderado (n=60)	Binge (n=90)	Total (n=150)	p
Adotou comportamento de risco, sofreu ou causou prejuízos				0,0001 ^λ
Sim	6	36	42	
Não	53	54	104	
Não respondeu	1	0	1	
Apresentou raciocínio confuso				0,001 ^λ
Sim	26	63	89	
Não	34	27	61	
Não respondeu	1	0	1	
Apresentou prejuízo acadêmico				0,01 ^λ
Sim	4	20	24	
Não	56	69	125	
Não respondeu	1	1	2	
Deixou de cumprir atividades acadêmicas				0,002 ^λ
Sim	3	21	24	
Não	57	69	126	

^λTeste Qui-Quadrado

***Binge drinking* – análise entre os sexos**

Dos universitários que apresentavam padrão de consumo típico do *binge drinking*, 41% eram mulheres e 59% eram homens, todos solteiros; 67% eram de outros municípios; 53% moravam com familiar; 71% só estudavam, sendo mantidos pelos pais; 62% tinham renda familiar de até 3 salários mínimos; 17% eram contemplados com algum tipo de benefício social e 62% não tinham religião.

A análise comparativa dos dados entre os dois sexos mostrou que em poucos fatores foram observadas diferenças estatisticamente significantes. Esses fatores foram: quanto ao sexo masculino - ter sofrido ou causado prejuízos a terceiros ($p=0,04$); quanto ao sexo feminino - possuir benefício social ($p=0,0001$) e esconder dos pais que faziam uso excessivo do álcool ($p=0,01$). Os demais aspectos avaliados não mostraram diferenças estatisticamente significantes entre os sexos (Tabelas 4 e 5).

Tabela 4. Aspectos multifatoriais do uso do álcool entre os sexos em universitários. UESB-Vitória da Conquista/BA, 2017-2018.

Variáveis	Mulher (n=37)	Homem (n=53)	Total (n=90)	p
Consumia álcool antes do ingresso				0,331 ^λ
Sim	35	47	82	
Não	2	6	8	
Aumentou o consumo após ingresso				0,863 ^λ
Sim	21	28	49	
Não	16	23	39	
Não respondeu	0	2	2	
Idade do primeiro gole				0,184 ^λ
16 -	19	34	53	
16 +	18	18	36	
Não respondeu	0	1	1	
Familiar que ingere álcool				0,377 ^λ
Sim	34	51	85	
Não	3	2	5	
Foi influenciado no uso do álcool				0,672 ^λ
Sim	11	18	29	
Não	26	35	61	
Intensificou vida social após ingresso				0,371 ^λ
Sim	21	35	56	
Não	16	18	34	
Tipos de bebidas				0,288 ^λ
Cerveja	8	11	19	
Vinho	0	3	3	
Várias	24	38	62	
Outras	5	1	6	
Com quem costuma beber				0,222 ^λ
Colegas da universidade	34	44	78	
Amigos/familiares/só	3	9	12	
Os pais sabem que ingere álcool				0,011 ^λ
Sim	30	51	81	
Não	6	1	7	
Não respondeu	1	1	2	
A universidade favorece o consumo				0,507 ^λ
Sim	19	23	42	
Não	18	29	47	
Não respondeu	0	1	1	

^λTeste Qui-Quadrado

Tabela 5. Consequências do uso do álcool entre os sexos em universitários. UESB-Vitória da Conquista/BA, 2017-2018.

Variáveis	Mulheres (n=37)	Homens (n=53)	Total (n=90)	p
Sofreu ou causou prejuízos a terceiros				0,0431 ^λ
Sim	13	23	36	
Não	24	40	54	
Apresentou raciocínio confuso				0,606 ^λ
Sim	27	36	63	
Não	10	17	27	
Apresentou prejuízo acadêmico				0,279 ^λ
Sim	6	14	20	
Não	30	39	69	
Não respondeu	1	0	1	
Deixou de cumprir atividades acadêmicas				0,748 ^λ
Sim	8	13	21	
Não	29	40	69	

^λTeste Qui-Quadrado

DISCUSSÃO

Entre os estudantes que relataram usar álcool, 60% apresentavam consumo compatível com o *binge drinking*, um número alto. Estudos recentes realizados no Brasil^{6,14} e em outros países⁷ mostraram uma variação de 30 a 70% na proporção de universitários que faziam uso excessivo desta droga. Essa variação pode estar relacionada aos diferentes critérios utilizados para determinar o *binge drinking*, ou ainda ao curso de graduação analisado. Os cursos de medicina, estão relacionados a um grande número de adeptos dessa prática⁵.

Os fatores de risco observados foram o sexo, a exposição precoce ao etanol, o ingresso na universidade e a influência dos pares. Não houve diferença estatisticamente significativa no número de homens e mulheres que relataram o uso de álcool, mas o uso nocivo foi associado ao sexo masculino, o que está de acordo com outras investigações no âmbito nacional^{6,8,14} e internacional⁷.

As mudanças observadas ao longo do tempo nos papéis sociais atribuídos aos sexos e o surgimento de mais oportunidades socioculturais para as mulheres permitiram a estas mais acesso a práticas antes relacionadas ao sexo masculino, como o consumo de bebidas alcoólicas. Entretanto, apesar destas mudanças culturais, o uso do álcool, sobretudo o uso excessivo, continua endossando práticas consideradas tradicionalmente masculinas. Vale ressaltar que a mídia tem papel no reforço dessa ideia, uma vez que vincula a masculinidade ao consumo excessivo desta substância¹⁹.

Embora o uso excessivo do álcool tenha sido associado ao sexo masculino, o número de estudantes do sexo feminino que afirmaram fazer uso nocivo desta droga foi alto. Com efeito, 40% dos praticantes do *binge drinking* foi do sexo feminino. Uma forte motivação entre as mulheres, sobretudo as mais jovens, para beber “*como os homens*” é produzir a sensação de poder, de status e de igualdade. Uma manifestação de libertação e de empoderamento feminino¹⁹.

As mulheres são mais suscetíveis aos efeitos nocivos do álcool^{5,9,10} em consequência das diferenças anatômico-fisiológicas entre os sexos^{5,25}. Essa maior suscetibilidade feminina pode não se restringir ao consumo da droga. Estudo em animais demonstrou que após exposição crônica ao etanol, a abstinência não reverteu os danos causados e induziu neurodegeneração em áreas hipotalâmicas das fêmeas⁹.

Os 70% que praticavam o *binge drinking* afirmaram ter iniciado o consumo de bebidas alcoólicas antes dos 16 anos de idade, o que está de acordo com trabalhos conduzidos em outros países que associaram o uso nocivo do etanol ao seu início precoce^{7,19,27}.

O ingresso na universidade também se mostrou como um fator de risco para o uso excessivo de álcool que, apesar de apenas 8% terem iniciado ao entrar na faculdade, 54% dos participantes aumentaram a ingestão dessa droga após a admissão na graduação. Com efeito, os níveis de consumo de bebidas alcoólicas por universitários é maior do que o observado em não universitários na mesma faixa etária^{6,7}. O que pode estar relacionado com o fato dos anos dedicados a um curso de graduação, geralmente entre os 18 aos 24 anos, coincidirem com o início da vida adulta, o que pressupõe funções sociais e culturais compatíveis com essa fase da vida, tais como trabalhar e constituir família. A opção pela educação superior leva a um atraso no desempenho dos papéis socioculturais⁷ e, entre os alunos que relataram uso abusivo, 71% tinham como única ocupação a vida acadêmica e eram mantidos pelos pais.

Por outro lado, a emergência da vida adulta também está associada a autonomias como poder morar só ou com colegas e ter acesso a práticas antes restritas como o uso do álcool. Autonomias essas que não são adiadas com a admissão na universidade que, por ser um espaço mais liberal, facilita ao jovem experimentar novas liberdades^{28,29}. A universidade favorece, ainda a convivência com os pares, e esses parecem desempenhar importante papel no uso do etanol. Estudo de revisão em abrangência mundial aponta a associação entre o uso abusivo do álcool e a influência desse comportamento entre os pares⁷. Os dados aqui confirmaram que 87% dos estudantes que realizavam o *binge drinking* relataram beber com os colegas da universidade.

Verificou-se que ter religião e estar casado se mostrou como fatores de proteção associados à prática do *binge drinking*. Outras investigações também apontaram a união fixa e a religião como fatores preventivos desse comportamento^{6,7}. A religião tem essa função, provavelmente, porque algumas proíbem o uso de bebidas alcoólicas ou recomendam o uso moderado⁷. Neste estudo, nenhum dos indivíduos que se declarou casado afirmou realizar essa prática. Esse dado está de acordo com um estudo realizado nos Estados Unidos da América³⁰ que demonstrou que um relacionamento fixo diminui o risco do *binge drinking*.

Posto que alguns estudos realizados tanto no Brasil⁵ como em outros países⁷ mostraram que morar com os pais funcionou como um fator protetor ao uso nocivo do etanol. Os dados obtidos nesta pesquisa não demonstraram essa relação. Entretanto, foi observado que 91% dos universitários que faziam uso excessivo tinham familiares que também usavam bebidas alcoólicas. Dessa forma, ao invés de se observar um efeito protetor dos pais ao consumo do álcool, foi verificado que o seu uso por familiares atua como um risco aumentado para a utilização dessa substância, o que se verificou também em outro trabalho³⁰.

Quando analisadas as consequências negativas associadas ao uso do álcool entre os indivíduos que relataram consumo moderado e entre os que informaram consumo excessivo, foram observadas associações estatisticamente significantes entre usar bebidas alcoólicas de forma excessiva e prejuízos pessoais ou a terceiros. Com efeito, os resultados mostraram que o uso excessivo do etanol foi associado ao fato do jovem ter apresentado comportamentos de risco (dirigir alcoolizado, sexo indesejado ou sem proteção), ter sofrido ou causado prejuízos a terceiros (doenças físicas a longo e curto prazo, danos materiais a terceiros e a instituições, brigas, violência sexual e distúrbios de ruídos).

Foi verificada associação entre uso excessivo e apresentar raciocínio confuso e prejuízos acadêmicos (prejuízos na realização de exames e trabalhos acadêmicos). Há comprometimento das funções cognitivas em indivíduos que fazem uso nocivo do álcool, podendo esses comprometimentos serem persistentes mesmo com a abstinência¹³. Uma vez que esses indivíduos estão em processo de formação acadêmica e profissional, essas alterações cognitivas podem comprometer a qualidade da formação do indivíduo e colocar em risco seu desempenho profissional.

A avaliação comparativa entre os sexos mostrou que não havia diferença entre os dois praticamente em todos os parâmetros estudados. Foi observada associação entre o uso excessivo e o sexo masculino, mas não houve diferenças estatisticamente significantes entre os sexos na idade de início, no aumento do consumo após o ingresso na universidade e no fato de beber com colegas da universidade. Foi observada semelhança, inclusive, nos prejuízos sofridos e causados a terceiros. Esses achados trazem preocupações considerando a direção que as mulheres estão tomando com relação ao uso do álcool, uma vez que apresentam vulnerabilidade aumentada aos danos causados por essa droga.

O único pareamento que foi estatisticamente associado ao sexo feminino foi esconder dos pais que faziam uso excessivo de bebidas alcoólicas. O que deve estar relacionado com as representações sociais dos sexos, com o fato do uso nocivo desse gênero de bebidas ser entendido com uma prática inerente ao sexo masculino e a organização patriarcal das famílias em muitas culturas¹¹. O uso de bebidas alcoólicas precisa ser entendido como um hábito que traz prejuízos para o indivíduo, independentemente do sexo, uma vez que pode acarretar consequências negativas a curto e longo prazo.

O consumo de bebidas alcoólicas é um problema de saúde pública que traz preocupações socioeconômicas em qualquer que seja a fase da vida do usuário e para qualquer nível de consumo. Mesmo quando ingerido em baixa quantidade, o consumo pode desencadear danos. Não obstante, o consumo por jovens encerra maiores preocupações, uma vez que nesses o encéfalo ainda se encontra em formação e a exposição ao etanol pode alterar o desenvolvimento dessa estrutura de forma irreversível¹⁵⁻¹⁷.

É imprescindível que sejam desenhadas estratégias dirigidas ao público feminino buscando conscientizar sobre o uso dessa droga e esclarecer que beber excessivamente não é uma tática eficiente para demonstrar a igualdade, como já apontado em outro estudo¹⁹. Mas, que ao contrário, é um comportamento de risco que pode trazer mais transtornos e prejuízos do que ganhos. São necessárias estratégias que visem enfraquecer a associação entre o uso de bebidas alcoólicas e o sexo masculino, incluindo táticas que treinem a resistência a essa associação feita pela mídia¹⁹.

As universidades precisam se envolver com essa causa. Os cursos de graduação precisam introduzir nos currículos programas de educação e prevenção do uso do álcool e de outras drogas⁶, bem como, ofertar cursos, minicursos, oficinas e eventos que sensibilizem os estudantes para as consequências do uso do álcool, bem como divulgar estratégias que minimizem os danos. As atividades culturais também podem ser alternativas que possibilitem a vivência saudável entre os estudantes e dissociem o convívio entre os pares e o consumo de bebidas alcoólicas.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu demonstrar que apesar das mulheres não se igualarem aos homens na prática do *binge drinking*, é grande o número das que o realizam. Além disso, observa-se uma tendência a convergência no número de homens e mulheres no consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Foi possível traçar o perfil dos estudantes que relataram uso excessivo do álcool: são indivíduo solteiros, predominantemente do sexo masculino; sem religião; bem esclarecidos sobre os riscos do uso do álcool; já consumiam essa substância antes de ingressar na universidade; iniciaram o uso antes dos 16 anos; aumentaram o consumo após a admissão no ensino superior; bebem por prazer e acompanhados por colegas da universidade; estão bem resolvidos com as suas escolhas profissionais; apresentam renda familiar maior que cinco salários mínimos; não trabalham, sendo mantidos pelos pais; já adotaram algum comportamento de risco; sofreram ou causaram algum tipo de prejuízo a terceiros, inclusive acadêmicos.

Este trabalho permitiu estabelecer os fatores de risco (sexo, exposição precoce ao etanol, ingresso na universidade e influência dos pares) e proteção (ter religião e estar casado) associados ao uso nocivo do álcool. E foi possível, ainda, demonstrar uma relação entre esses comportamentos e prejuízos acadêmicos por parte dos praticantes.

As universidades precisam entender seu papel nesse cenário, e ainda que essa prática não ocorra dentro dos *campi*, os indivíduos que a exibem constituem a comunidade universitária. É imprescindível que estas instituições lancem mão dos mecanismos de que dispõem para criar táticas que visem diminuir o consumo de bebidas alcoólicas pelos estudantes ou reduzir os danos causados por essa droga.

O presente estudo foi conduzido em um *campus* universitário de um único município, o que é uma limitação metodológica e dificulta a generalização dos dados. A inexistência de instrumentos validados para a compreensão do consumo de álcool por universitários pode ser uma outra limitação. Entretanto, os resultados demonstrados são significativos e podem nortear condutas que visem diminuir a prática do uso excessivo de álcool por universitários. Sugere-se a realização de estudos similares com amplitudes geográficas maiores.

REFERÊNCIAS

1. El Ansari W, Salam A, Suominen S. Is alcohol consumption associated with poor perceived academic performance? Survey of Undergraduates in Finland. *Int J Environ Res Public Health* [Internet]. 2020 [citado em 02 ago 2020]; 17(4):1369. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7068310/pdf/ijerph-17-01369.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph17041369>
2. Grest CV, Cederbaum JA, Lee DS, Choi YJ, Cho H, Hong S, et al. Cumulative violence exposure and alcohol use among college students: adverse childhood experiences and dating violence. *J Interpers Violence* [Internet]. 2020 [citado em 02 ago 2020]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0886260520913212?journalCode=jiva>. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260520913212>
3. Thorpe S, Tanner AE, Ware S, Guastaferrero K, Milroy JJ, Wyrick DL. Black first-year college students' alcohol outcome expectancies. *Am J Health Educ*. [Internet]. 2020 [citado em 02 ago 2020]; 51(2):78-86. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7083574/pdf/nihms-1556911.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1080/19325037.2020.1713259>
4. Nascimento MI, Costa JS, Pereira MA, Kiepper MS, Keher NB, Moraes RFS. Uso de álcool por estudantes de medicina segundo características de cursos e escolas médicas: uma revisão da literatura. *Rev Bras Educ Médica* [Internet]. 2019 [citado em 02 ago 2020]; 43(Supl1):98-107. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/HsQMLNpKZVqVNTH7D3PT4Yd/?format=pdf&lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190128>
5. Barbosa FL, Barbosa RL, Barbosa MCL, Aguiar DL, Figueiredo IA, Ribeiro AC, et al. Uso de álcool entre estudantes de medicina da Universidade Federal do Maranhão. *Rev Bras Educ Med*. [Internet]. 2013 [citado em 02 ago 2020]; 37(1):89-95. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n1/13.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022013000100013>
6. Carneiro EB, Braga RT, Silva LFD, Nogueira MC. Fatores associados a beber pesado episódico entre estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Med*. [Internet]. 2012 [citado em 02 ago 2020]; 36(4):524-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v36n4/11.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000600011>
7. Krieger H, Young CM, Anthenien AM, Neighbors C. The epidemiology of binge drinking among college-age individuals in the United States. *Alcohol Res*. [Internet]. 2018 [citado em 02 ago 2020]; 39(1):23-30. Disponível

- em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6104967/pdf/arcr-39-1-e1_a04.pdf. PMID: 30557145
8. Pinheiro MA, Torres LF, Bezerra MS, Cavalcante RC, Alencar RD, Donato AC et al. Prevalência e fatores associados ao consumo de álcool e tabaco entre estudantes de medicina no nordeste do Brasil. *Rev Bras Educ Med*. [Internet]. 2017 [citado em 02 ago 2020]; 41(2):231-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n2/1981-5271-rbem-41-2-0231.pdf>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2RB20160033>
9. Rebouças ECC, Leal S, Silva SM, Sá SI. Changes in the female arcuate nucleus morphology and neurochemistry after chronic ethanol consumption and long-term withdrawal. *J Chem Neuroanat*. [Internet]. 2016 [citado em 02 ago 2020]; 77:30-40. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0891061816300230?via%3Dihub>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jchemneu.2016.05.001>
10. Almeida RMM, Pasa GG, Scheffer M. Álcool e violência em homens e mulheres. *Psico Reflex Crit*. [Internet]. 2009 [citado em 02 ago 2020]; 22(2):253-60. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a12v22n2.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200012>
11. Campos EADE, Reis JG. Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo - Brasil. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2010 [citado em 07 ago 2020]; 14(34):539-50. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300006&lng=pt&nrm=iso. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000006>
12. Bachetti LS, Fukusima SS, Quaglia MAC. O efeito do álcool na percepção visuoespacial e na cognição do espaço. *Psicol Saúde Doenças* [Internet]. 2017 [citado em 02 ago 2020]; 18(2):451-61. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v18n2/v18n2a13.pdf>. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/17psd180213>
13. Lannoy S, Billieux J, Dormal V, Maurage P. Behavioral and cerebral impairments associated with binge drinking in youth: a critical review. *Psychol Belg*. [Internet]. 2019 [citado em 02 ago 2020]; 59(1):116-55. Disponível em: <https://www.psychologicabelgica.com/articles/10.5334/pb.476/>. DOI: <https://doi.org/10.5334/pb.476>
14. Imai FI, Coelho IZ, Bastos JL. Consumo excessivo de álcool, tabagismo e fatores associados em amostra representativa de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012: estudo transversal. *Epidemiol Serv Saúde*. [Internet]. 2014 [citado em 07 ago 2020]; 23(3):435-46. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222014000300435&lng=en&nrm=iso. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000300006>
15. Welch KA, Carson A, Lawrie SM. Brain structure in adolescents and young adults with alcohol problems: systematic review of imaging studies. *Alcohol Alcohol*. [Internet]. 2013 [citado em 07 ago 2020]; 48:433-44. Disponível em: <https://academic.oup.com/alcalc/article/48/4/433/534074>. DOI: <https://doi.org/10.1093/alcalc/agt037>
16. De La Monte SM, Kril JJ. Human alcohol-related neuropathology. *Acta Neuropathol*. [Internet]. 2014 [citado em 07 ago 2020]; 127(1):71-90. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00401-013-1233-3>. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00401-013-1233-3>
17. González-Reimers E, Santolaria-Fernández F, Martín-González MC, Fernández-Rodríguez CM, Quintero-Platt G. Alcoholism: a systemic proinflammatory condition. *World J Gastroenterol*. [Internet]. 2014 [citado em 07 ago 2020]; 20(40):14660-71. Disponível

- em: <https://www.wjgnet.com/1007-9327/full/v20/i40/14660.htm>. DOI: <https://doi.org/10.3748/wjg.v20.i40.14660>
18. Chung T, Creswell KG, Bachrach R, Clark DB, Martin CS. Adolescent binge drinking. *Alcohol Res.* [Internet]. 2018 [citado em 07 ago 2020]; 39(1):5-15. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6104966/pdf/arcr-39-1-e1_a01.pdf. PMID: 30557142
19. Wilsnack RW, Wilsnack SC, Gmel G, Kantor LW. Gender differences in binge drinking. *Alcohol Res.* [Internet]. 2018 [citado em 07 ago 2020]; 39(1):57-76. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6104960/pdf/arcr-39-1-e1_a08.pdf. PMID: 30557149
20. World Health Organization. Global status report on alcohol and health 2014 [Internet]. Geneva: WHO Press; 2014 [citado em 11 ago 2021]. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/112736/9789240692763_eng.pdf?sequence=1
21. McKetta S, Keyes KM. Heavy and binge alcohol drinking and parenting status in the United States from 2006 to 2018: an analysis of nationally representative cross-sectional surveys. *PLoS Med.* [Internet]. 2019 [citado em 07 ago 2020]; 16(11):e1002954. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.1002954>. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002954>
22. Barbetta PA, Reis MM, Bornia AC. Estatística para cursos de engenharia e informática. 3ed. São Paulo: Editora Atlas; 2010. p. 192-4.
23. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5ed (DSM-V). Porto Alegre: Artmed; 2014. 15p.
24. Spizzirri G, Pereira CMDEA, Abdo CHN. O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Trat.* [Internet]. 2014 [citado em 07 ago 2020]; 19(1):42-4. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>
25. Bucho MSCRC. Fisiopatologia da doença hepática alcoólica [Internet]. [dissertação]. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2012 [citado em 11 ago 2021]. 57p. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3764/3/PPG_MariaBucho.pdf
26. Nóbrega MPSS, Oliveira EM. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2005 [citado em 07 ago 2020]; 39(5):816-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n5/26304.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000500018>
27. Spear LP. Adolescent alcohol exposure: are there separable vulnerable periods within adolescence? *Physiol Behav.* [Internet]. 2015 [citado em 11 ago 2021]; 1(148):122-30. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0031938415000414>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2015.01.027>
28. Pereira MO, Cardoso LCS, Costa LMCG, Sampaio VM, Oliveira MAF. O consumo de álcool e outras drogas entre estudantes universitários: interferências na vida acadêmica. *SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* [Internet]. 2013 [citado em 07 ago 2020]; 9(3):105-10. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v9n3/pt_02.pdf. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.v9i3p105-110
29. Marques ACPR, Cruz MS. O adolescente e o uso de drogas. *Rev Bras Psiquiatr.* [Internet]. 2000 [citado em 07 ago 2020]; 22(Supl2):32-6. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3794.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600009>
30. Wechsler H, Dowdall GW, Davenport A, Castillo S. Correlates of college student binge drinking. *Am J Public Health* [Internet]. 1995 [citado em 07 ago 2020]; 85(7):921-6. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/pdf/10.2105/AJPH.85.7.921>. DOI: <https://doi.org/10.2105/ajph.85.7.921>

Editora Associada: Vania Del Arco Paschoal

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) pelo apoio financeiro com a bolsa para Iniciação Científica e à Gabriela Freitas Silva Bitencourt pelo apoio na revisão.

CONTRIBUIÇÕES

Elce Cristina Côrtes Rebouças contribuiu com a concepção, coleta e análise dos dados, redação e revisão. **Thaís Nunes Pereira** e **Daiana Kelly Moraes Lisbôa** colaboraram na concepção, coleta e análise dos dados. **Roger Luiz da Silva Almeida Filho** contribuiu com a análise dos dados e revisão.

Como citar este artigo (Vancouver)

Rebouças, ECC, Pereira TN, Lisbôa DKM, Almeida Filho RLS. O *binge drinking* por universitários: perfil do estudante e fatores de risco e proteção. REFACS [Internet]. 2021 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 9(4):880-93. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (ABNT)

REBOUÇAS, E. C. C.; PEREIRA, T. N.; LISBÔA, D. K. M.; ALMEIDA FILHO, R. L. S. O *binge drinking* por universitários: perfil do estudante e fatores de risco e proteção. REFACS, Uberaba, MG, v. 9, n. 4, p. 880-93, 2021. Disponível em: *inserir link de acesso*. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (APA)

Rebouças, E.C.C., Pereira, T.N., Lisbôa, D.K.M., & Almeida Filho, R.L.S. (2021). O *binge drinking* por universitários: perfil do estudante e fatores de risco e proteção. REFACS, 9(4), 880-93. Recuperado em: *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

